

[Recensão a] *Via do Meio*: a proximidade do distante

Carlos Morais José

Escritor, editor e jornalista

Diretor do Jornal Hoje Macau e responsável pela editora Livros do Meio

carlosmoraisjose@gmail.com

É-me aqui amavelmente atribuída, pela *Rotas a Oriente*, a tarefa de recensear a revista que dirijo. Logo, missão árdua pois quando falamos da *Via do Meio* não estarei eu com certeza na melhor posição para sobre ela incidir um olhar crítico, desapassionado, fosse ele severo ou elogioso. Assim, pouco mais me cabe que tentar descrever-lhe as origens, os seus princípios, proceder a uma brevíssima súpula dos seus conteúdos e traçar quais as suas ambições.

Quem habita em Macau e não se refugia numa indiferença boçal pelo que o rodeia, inevitavelmente sente falta de informação e, sobretudo, de reflexão sobre a civilização chinesa, expressas em língua portuguesa. Isto apesar de um contacto idoso de 500 anos, de um roçar constante na cidade pela sínica cultura e de uma permanente interação com o “outro” que, amiúde, surpreende e espanta pela sua estruturada diferença. Não deverá por isso soar estranho o nascimento de uma revista em língua portuguesa, inteiramente dedicada à China, e que Macau seja o seu berço e dele migre para outras lusófonas paragens. Não que venha colmatar o vácuo, pois ele é antigo e vasto, mas que contribua como um pequeno passo no longo caminho que à Sinologia lusófona falta percorrer.

De facto, fica do outro lado do mundo, caracteriza-se pela alteridade, mas está cada vez mais próxima, urgente, presente... a China. Civilização antiga, muito antiga, matéria de sonhos e pesadelos no Ocidente, a maior parte forjados no pormenor exótico, no desconhecimento, na transposição dos desejos e, por vezes, num impetuoso fascínio. A partir do século XVI, durante cerca de dois séculos, foram jesuítas portugueses que primeiro narraram à Europa diversos aspectos da sua cultura, da sua organização social e política, dos seus rituais e costumes. Um manancial de informação que interessou alguns dos sábios europeus dessa época, que encontravam nas descrições dos padres jesuítas uma civilização anti-quíssima, poderosa, altamente organizada, culturalmente fascinante, mas que era fundamentalmente lida à luz de angústias, preconceitos, ambições várias e ânsia de domínio.

A um certo nível de entendimento, quase poderíamos dizer que, entretanto, pouco mudou. Para a maior parte dos ocidentais, a China continua a ser miragem, lugar de estranhezas, exotismo assegurado. É claro que, ao longo do tempo, o Ocidente desenvolveu uma Sinologia de qualidade, sobretudo nas línguas inglesa, francesa, holandesa e alemã. Neste capítulo, Portugal quedou-se adormecido talvez porque, paradoxalmente, com a China mantivemos sempre uma relação próxima através de Macau. Os contactos existiam na prática, na vivência diária numa cidade no Extremo Oriente, na miscigenação, o que poderá ter inibido os estudos académicos (pelo menos, Macau sob administração portuguesa não os estimulou nem os desenvolveu), ao ponto de nunca terem sido sistematizados em nenhuma universidade ou efectuados trabalhos de campo dotados da necessária acuidade científica, que nos levem a considerar que existe edificada uma Sinologia institucional em língua portuguesa. É uma ideia paradoxal, de difícil digestão, mas talvez, sem grande convicção, a exprima porque sei por experiência própria serem também os paradoxos a sustentar a paradoxal e secular presença lusitana nessa cidade do sul da China.

Como em outros campos do saber em Portugal, a iniciativa de abordar a civilização chinesa, na era pós-jesuítica, partiu e dependeu quase sempre de indivíduos e muito pouco de instituições. Daí que se tenha tornado num espaço fragmentado, desorientado, ao sabor de fascínios pessoais, de mérito indiscutível, mas que não carregam em si o volume e a estrutura necessária a uma apreensão abrangente e sistemática do fenómeno sínico.

Neste contexto, o ano de 2023 assistiu em Macau ao nascimento de uma revista trimestral, de seu nome *Via do Meio* que, entretanto, começou também a ser publicada em Portugal, a partir de Setembro do mesmo ano. Trata-se uma publicação em língua portuguesa, que conta com a colaboração de sinólogos de várias nacionalidades, cujo objectivo é, por um lado, divulgar a cultura chinesa entre quem entende a língua de Camões; e por outro proporcionar um espaço de visibilidade, troca e reflexão aos que se dedicam ao tema. Desde os primeiros números que nas suas páginas é óbvio detectar secções como Pensamento, História, Sociedade, Literatura, Música, Ciência ou Cinema, efectivadas em artigos profusamente ilustrados, o que torna a *Via do Meio* um produto que, sem ser consumo rápido, proporciona aos leitores variadíssimas trajectórias, teóricas, práticas e estéticas, no sentido de expandir uma compreensão informada desta civilização, de modo a eliminar preconceitos e perspectivas reducionistas, além

de entreabrir diversas portas para uma cultura de difícil penetração, mas cuja profundidade, riqueza e beleza ficam bem patentes nas suas páginas.

Os dois primeiros números, já publicados em Portugal, correspondentes ao Outono e Inverno de 2023, abordam uma panóplia variada de assuntos que vão desde as duas traduções para língua portuguesa da obra de Zhuang Zi, um pensador incontornável de ressonância mundial, com entrevistas ao brasileiro Giorgio Sinedino e ao português António Miguel de Campos (os tradutores), até ao consumo literário e histórico-social de vinho na China, passando pela exposição dos avanços tecnológicos e científicos chineses, entre muitos outros temas.

A poesia e a pintura, pela pena tradutora de António Graça de Abreu e Zerbo Freire e na erudição de Paulo Maia e Carmo, entre outros, ocupam um espaço privilegiado na *Via do Meio*, tendo os dois primeiros números referido e divulgado poetas como Su Dongpo, Li Bai, Bai Juyi ou Li Qingzhao, e pintores como Wang Wei, Sheng Maoye ou Yan Hui, permitindo uma primeira abordagem a uma literatura e uma arte pictórica que, por exemplo, ao entrelaçarem-se na caligrafia, edificam paradigmas ausentes na cultura Ocidental e proporcionam ao leitor uma deslocação que o arma de conceitos diferentes, através dos quais renovará o seu olhar sobre a sua própria cultura e forma de apreensão do mundo.

Os assuntos acima referidos de modo nenhum esgotam o conteúdo da *Via do Meio* que, de forma abrangente, oferece um vislumbre de uma civilização e de uma cultura inesgotáveis, nas quais a presença do passado é parte constitutiva e actuante do presente e o ser humano se encontra inserido no que observa e sobre o qual reflecte e age, indiciando uma imanência radical que se espraia por um constante devir, no qual as constantes mutações nos levam, passo após passo, a fazer uma reavaliação do nosso próprio caminho.

A *Via do Meio* é, também por isso, um desafio, uma descoberta, uma possibilidade de explorar a China de ontem e de hoje, de aceitar o auto-questionamento que sempre surge quando nos confrontamos com a alteridade, e permitir uma melhor compreensão do que, inevitavelmente, nos trará o futuro.